

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO – COGEAE**

Programas de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

MATHEUS DIAS COSTA

**A ESTRUTURAÇÃO DA IRONIA COMO UNIDADE CÔMICA NOS
ENUNCIADOS POLÍTICOS DO *SITE* SENSACIONALISTA**

SÃO PAULO

2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO – COGEAE**

Programas de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

MATHEUS DIAS COSTA

**A ESTRUTURAÇÃO DA IRONIA COMO UNIDADE CÔMICA NOS
ENUNCIADOS POLÍTICOS DO *SITE* SENSACIONALISTA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/COGEAE, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista, sob orientação da Professora Doutora Karlene do Socorro da Rocha Campos.

SÃO PAULO

2017

Dedico este trabalho à Leny Dias, ao Carlos Rodrigo, ao Thiago Litieri, ao Thiago Zílio e a todos os meus poucos, mas queridos amigos.

Agradecimentos

Um agradecimento especial à Professora Karlene Campos, sem a qual eu não conseguiria prosseguir, uma vez que ocorreram diversos contratemplos no período de confecção deste trabalho, que me impediriam de entregá-lo se não fosse por seu comprometimento, dedicação e suporte irrestritos.

Aos professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que demonstraram durante todo o meu percurso na faculdade um enorme humanismo, acessibilidade e valorização do aluno.

Aos colegas que, depois de dois longos anos de sábados inteiros dentro da universidade, permaneceram.

Às novas amizades que eu venho construindo nos últimos seis meses em meu novo emprego.

A você que o estiver lendo.

RESUMO

Este trabalho tem como tema o estudo da construção da ironia em manchetes de textos de natureza política, veiculados no *site Sensacionalista*. Na pesquisa, norteamos-nos pela seguinte pergunta: quais elementos linguísticos contribuem para a configuração da ironia em textos que abordam fatos políticos? Nessa perspectiva, estabelecemos como objetivo explicitar os elementos que promovem o efeito de humor irônico por meio de tais manchetes. Para o alcance do objetivo proposto, embasamos-nos em estudos sobre linguagem e interação [KOCH, 2006]; intertextualidade [MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2011]; pressuposto e subentendido [DUCROT, 1987] e ironia [MUECKE, 1995]. O estudo embasou-se em uma amostra de cinco manchetes de textos retirados do *site* mencionado, em que foram analisados: a presença ou ausência do sujeito do discurso no enunciado, configuração do trio actancial e como ele se comporta nas relações discursivas, explicitação dos pressupostos e as possibilidades de subentendidos, além das marcas de intertextualidade reconhecíveis. Os resultados obtidos demonstram que os elementos constituintes da ironia são de natureza verbal e não verbal, entre os quais se destacam: a linguagem escolhida para as chamadas de notícias e as imagens que ilustram tais chamadas.

Palavras-chave: ironia, pressuposto e subentendido, humor

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo 1 – Texto escrito como lugar de interação	8
1.1 – Linguagem e subjetividade	8
1.2 – Linguagem e negociação de sentidos	13
Capítulo 2 – O dito e o não-dito textual.....	15
2.1 – Pressuposto e subentendido	15
2.2 – Intertextualidade	16
2.3 – Ironia.....	18
Capítulo 3 – Análise dos textos e resultados obtidos	21
3.1 – Contexto da pesquisa	21
3.2 – Procedimentos metodológicos	22
3.3 – Categoria de análises	22
3.4 – Análises	23
3.4 – Resultados obtidos.....	31
Conclusão	33
Referências	34
Anexos.....	36

Introdução

Nós, utilizadores da língua como facilitadora das relações interpessoais, dispomos de vários recursos de texto que podem surgir de nossas cenas comunicativas, sejam elas verbais ou não verbais. Com suporte nesse aparato, o sistema língua permite aos seus usuários a criação de diversas estratégias de interação em todas as esferas da atividade humana. Um dos fatores que podem ser apontados como primordial para a nossa distinção das demais espécies animais é o complexo e refinado arcabouço de linguagem que nos serve.

Nessa perspectiva, textos orais e escritos possibilitam a construção de sentidos com base em pistas variadas, entre elas a gesticulação e a entonação, em textos orais; a pontuação, a interjeição, o emprego de operadores argumentativos, a hierarquização do discurso, em textos escritos; e os elementos de modalização em ambos. Partindo dessa observação, surgiu-nos uma dúvida: quais elementos linguísticos contribuem para a configuração da ironia em textos que abordam fatos políticos.

Como sabemos, os fatos políticos ganham cada vez mais destaque no cenário nacional, e a ironia, nesses textos, consiste em importante elemento para a construção de sentidos, sendo responsável pela instauração da crítica social. Justifica-se, assim, a relevância de estudos sobre o tema.

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que os elementos linguísticos, se observados os três tipos de conhecimentos basilares da Linguística Textual – enciclopédico ou de mundo [que abrangem as vivências e experiências sobre eventos espaço-temporais], linguístico [que compreendem os conhecimentos lexicais e gramaticais] e interacional [entendimento da extensa gama de ações verbais] -, podem favorecer a criação de mais de um sentido para o texto, dando-lhe um caráter polissêmico.

A polissemia, um dos objetos de estudo da Semântica, é a pluralidade de sentidos que quaisquer signos linguísticos podem adquirir [diacrônica ou síncronicamente]. A título de esclarecimento, poderíamos usar como exemplo o signo linguístico “manga”. Utilizamos um mesmo significante para designarmos uma fruta típica do sudeste asiático; para nos referirmos a uma parte da roupa que cobre os braços e, em determinadas regiões do país - especialmente no Nordeste – como a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo mangar [tirar sarro, fazer chacota, caçoar.]. Temos, portanto, uma mesma palavra para nos referirmos a conceitos distintos.

Um dos recursos que possibilitam a pluralidade para um mesmo enunciado é a ironia. Dessa forma, e guiando-nos pelo questionamento apresentado no início desta introdução, buscamos observar como ela é configurada na composição das manchetes de notícias fictícias relacionadas à política, veiculadas no *site* Sensacionalista, no período de janeiro de 2016 a março de 2017. Em outras palavras, pretendemos observar por quais aspectos linguísticos dessa composição é facilitada a construção de sentidos variados, tudo isso com base na verificação dos possíveis pressupostos e subentendidos que podem emergir da ironia.

O *Sensacionalista* é um *site* de humor, com página também na rede social *Facebook*¹, que publica diariamente notícias fictícias inspiradas em fatos do cotidiano político e do mundo das celebridades. De viés cômico, pretende divertir os seus leitores transformando a informação oficial em chiste, ao ridicularizar os seus protagonistas por meio da exacerbação de elementos do contexto.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. No capítulo 1, tratamos de texto escrito como lugar de interação, no intuito de situar o leitor sobre o fato de, pela linguagem, interagirmos com o outro para negociar sentidos, com vistas ao alcance de nossas intenções comunicativas. No capítulo 2, dissertamos sobre estratégias de leitura, com enfoque em pressupostos e subentendidos na construção da ironia. No capítulo 3, apresentamos nossa análise e a discussão dos resultados obtidos no estudo de manchetes de notícias veiculadas no *site* Sensacionalista.

Para a consecução deste objetivo, pautamo-nos em estudos de interação pela linguagem e de estratégias de leitura, com base em Muecke [1995], Ducrot [1987], Koch [2011], Koch e Elias [2016], Bakhtin [2006], Bakhtin/Volochínov [2010], Marcuschi [2008] e Brait [1996].

¹ Maior rede social do mundo, com um número estimado de mais de um bilhão de usuários [dados de 2012], e criada em fevereiro de 2004 pelos estudantes da Universidade de Harvard Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. [in: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Facebook. Data de acesso: 01/03/2017].

Capítulo 1 – Texto escrito como lugar de interação

1.1 Linguagem e subjetividade

O texto escrito data de milhares de anos. No Egito antigo havia os hieróglifos, termo de origem grega composto por duas outras palavras, *ιερός* [hierós] e *γλύφειν* [glýphein], “sagrado” e “escrita”, respectivamente. Dessa forma, a escrita sagrada tinha como razão de sua existência comunicar o transcendente ao povo, pois naquele período da história, apenas indivíduos que detivessem algum poder sobre a população poderiam aprender a decifrar os textos.

Embora tenham sido utilizados durante três mil e quinhentos anos, mais ou menos, alguns fatores determinantes, como o seu extenso número de códigos, a chegada do Cristianismo e da dominação romana, fizeram com que esse tipo de texto fosse obliterado, indo de sua redução gradativa até o seu desaparecimento como meio necessário para a relação entre pessoas.

Ainda que não tenhamos a intenção de tecer aqui a história do hieróglifo, podemos explicitar sobre como esse tipo de manifestação textual foi utilizado como instrumento de relações de poder que permearam toda a nossa antiguidade, bem como o código que usamos atualmente pode servir de expediente para a sua perpetuação.

Naquele contexto, bem como no atual, a informação – ou aquilo que conhecemos como a verdade dos fatos -, era difundida para uma quantidade pequena de pessoas, mantendo, guardadas as devidas proporções, a maior parcela das populações em estado de alienação. Quando apontamos isso, objetivamos abrir os olhos para o fato de que nem tudo o que observamos ao nosso redor pode ser lido como verdade, especialmente no que diz respeito aos meios midiáticos e políticos – uma vez que estes quase sempre andam de mãos dadas.

Todavia, é facilmente observável em qualquer texto jornalístico o seu viés político. O leitor atento, seja ele um estudioso das ciências da linguagem ou um leitor comum, consegue identificar as pretensões secundárias escondidas nas entrelinhas daquilo que lê. É um exercício que pode ser feito não só com os textos informativos, mas também com os literários.

O texto, como parte constituinte da língua, sofre, em qualquer lugar do mundo, mutações e adaptações diversas, que seguem o fluxo das demandas humanas, das necessidades de comunicação de cada lugar e das intenções relacionais que podem surgir no seio das comunidades. Línguas surgem, são extintas e adaptadas conforme o avanço das sociedades e de suas relações sócio-políticas.

Com base na ideia do homem político surgem os estudos sobre a teoria da enunciação. Para Bakhtin [2010], a linguagem é uma prática social, não individual – diferentemente da visão da Linguística saussureana².

A teoria da enunciação de Bakhtin sustenta o postulado de que o texto é lugar de interação [KOCH, 2011]. É um tipo de construção dialógica, nunca monológica, que depende do outro para que exista. Essa relação de interdependência ocorre não somente nos textos escritos, mas também nos falados. Na concepção de Bakhtin [2010], a linguagem é sempre dialógica, ou seja, implica uma abordagem na qual todos os envolvidos na interação são sujeitos ativos e têm participação fundamental na construção de sentidos, pois a intersubjetividade pavimenta a interação:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. [BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p.123]

Ou seja, a língua é substancialmente interacional e essa interação se dá por meio da enunciação ou das enunciações. De acordo com estudos sobre enunciação [Kerbrat-Orecchioni, 1980; Benveniste, 1989, 1995; Bakhtin, 1999, 2000] os enunciados devem ser descritos como práticas contextualizadas, e não como atos isolados. Em outras palavras, deve-se considerar o ambiente simbólico em que cada um desses atos de enunciação são materializados, as características dos seus realizadores e em qual momento no tempo são realizados.

Além disso, Bakhtin [2000] lança-se a partir da ideia de que a função primeira da linguagem não é a de revelar pensamentos, mas a de comunicar. Logo, não devemos pensar em linguagem como um fenômeno do ponto de vista apenas de quem fala ou escreve. Desse modo, não existe sujeito meramente passivo. Ele, dentro de um contexto comunicativo, assume um papel de co-falante, ou co-autor. O leitor [ouvinte] ajuda o autor [locutor] na construção do sentido, elaborando a ação ao concordar ou discordar do que lê ou ouve. Ele toma uma atitude “responsiva ativa“, a qual lhe garante um papel de condutor da enunciação.

Em adição, é importante frisar que em cenas comunicativas existe sempre uma alternância de sujeitos, uma vez que o “eu” passa a ser “tu” quando muda o turno do

²Saussure estabelece uma visão de linguagem como um fenômeno individual, neutro e objetivo, que prescinde de envolvimento ideológico e é apartado do contexto social. Mais sobre esse assunto pode ser consultado em SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

enunciado, configurando a natureza dialógica da cena. Assegura Bakhtin [1999: 113] sobre este tópico:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

É por meio da interação pela linguagem que construímos o nosso *ethos*³ e estabelecemos o sentido do nosso texto. Quando nos comunicamos, utilizamos uma vasta quantidade de recursos textuais que a língua nos permite, porém em nenhum deles o fazemos de forma gratuita. No ato de nossa produção textual, todas as nossas palavras e mensagens carregam em si a nossa verdade, isto é, nada do que falamos é desprovido de neutralidade. O tema que escolhemos para falarmos, como falamos sobre ele, as palavras que usamos, tudo diz muito sobre o que nós somos e como enxergamos o mundo.

Há, entretanto, vozes em nosso discurso que dialogam com enunciados externos a nós, já que não há, também, ineditismo naquilo que produzimos, sendo, dessa forma, ainda mais evidente o caráter dialógico do ato da interação por meio do texto.

A Teoria da Enunciação de Bakhtin ganhou novo fôlego com o advento dos estudos de Benveniste sobre a subjetividade linguística. Para este autor, “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” [Benveniste, 1995: 286]. Em suas ponderações, ele aponta que a linguagem fomenta formas vazias que devem ser preenchidas de sentido e que acaba por definir o seu papel de *eu* e o do seu parceiro de *tu* [Benveniste, 1995: 289] no exercício do discurso [ato de interação].

Benveniste também argumenta, conforme explicitamos acima, que o *eu* e o *tu* alternarão os seus papéis dentro do contexto de produção textual. A depender do turno de cada um, *eu* será *tu*, e *tu* será *eu*. Assim, e não importando a quantidade de parceiros na cena interacional, o locutor vai ser sempre o *eu* enquanto os demais serão *tu*.

O ponto de partida para a manifestação da subjetividade [Benveniste, 1995: 188] é a revelação do interlocutor por meio de sua inserção via pronomes. Tais pronomes podem, além de evidenciar quem fala, trazer à tona o que se fala – por meio do pronome de terceira pessoa – ou ainda favorecer a construção de efeito de sentidos.

³ De acordo com Maingueneau, o *ethos* consiste na projeção discursiva do sujeito em uma determinada cena de enunciação. MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.

Em seus estudos sobre enunciação, Fiorin [2001] chama a atenção para os movimentos de debreagem e embreagem actancial. Tais mecanismos consistem em um dos mais poderosos alicerces argumentativos da linguagem. Sua força discursiva é um dos temas mais estudados da Análise do Discurso, pois são comumente encontrados na fala de pessoas públicas da nossa política ou do mundo do entretenimento.

A debreagem actancial exporta para fora da cena enunciativa o sujeito, que sai da cena do tempo real para contar algo que aconteceu fora dali:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silencieei e porque me decido [MC, p. 3] [Fiorin, 2001: 44].

Rubião fitava a enseada, eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão de chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta [MA, v. 1, p. 643] [Fiorin, 2001: 45].

Podemos notar, pelos trechos acima, que eles trazem uma estrutura diferenciada entre si. No primeiro deles, extraído do livro “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, vemos um sujeito que anuncia a sua retirada da cena em que está inserido para voltar a um tempo remoto, com intuito de contar sobre acontecimentos de dez anos antes. No segundo, retirado de “Quincas Borba”, de Machado de Assis, o sujeito é instaurado por meio do enunciado, dispensando qualquer apresentação. Para Fiorin, temos aqui casos de debreagem enunciativa, no primeiro exemplo, e enunciva, no segundo.

Em relação a essas debreagens, o autor diz:

A debreagem enunciativa e enunciva criam, em princípio, dois grandes efeitos de sentido: o de subjetividade e o de objetividade. Com efeito, a instalação dos simulacros do *ego-hic-nunc* enunciativos, com suas apreciações dos fatos, constrói um efeito de subjetividade. Já a eliminação das marcas de enunciação do texto, ou seja, da enunciação enunciada, fazendo que o discurso se construa apenas com enunciado enunciado, produz efeitos de sentido de objetividade [Fiorin, 2001: 45].

Ainda de acordo com Fiorin [2001: 36], *enunciação enunciada* é “o conjunto de marcas, identificáveis no texto, que remete à instância da enunciação” e *enunciado enunciado* “a sequência enunciada desprovida de marcas de enunciação”.

Em relação à embreagem actancial, o autor assevera que é referente à “neutralização da categoria de pessoa”, ou seja, o sujeito faz parte da cena enunciativa, mas é representado por outra pessoa no discurso. Exemplo:

A mãe diz ao filho:

- seu pai e sua mãe se matam de trabalhar e você não estuda, não faz nada [Fiorin, 2001: 87].

No exemplo exposto acima, a embreagem acontece entre a terceira pessoa do plural e a primeira pessoa do plural, uma vez que “seu pai e sua mãe” correspondem a “nós”, não “eles”. Nessa frase, especificamente, podemos depreender que o efeito de sentido é construído a partir da fala da mãe ao explicitar o papel dos genitores e enfatizar que tal papel é exercido por eles, pais. O sujeito isola-se e fala de si na terceira pessoa, imputando àquele que ouve a responsabilidade emocional.

Fiorin [2001: 85] ainda apresenta alguns cenários de embreagem actancial, dos quais podemos destacar:

- terceira pessoa pela primeira do singular – forma do sujeito apresentar-se como papel social, prescindindo-se de subjetividade, tencionando passar credibilidade ao enunciado;
- primeira pessoa do plural pela primeira do singular – sujeito da enunciação se inclui em um coletivo na intenção de produzir efeito de modéstia ou autoridade;
- primeira pessoa do plural pela segunda do singular – sujeito se enquadra dentro do mesmo grupo onde está incluído o *tu*, criando, assim, efeitos de informalidade e inclusão.

Outros marcadores de subjetividade que poderíamos destacar são os advérbios [NEVES, 2000], que podem ser modificadores dos elementos com os quais se relacionam, ou não. Os advérbios modificadores e os não-modificadores podem ser considerados fatores de subjetividade, entretanto – e com a atenção voltada aos meandros que conduzem esta pesquisa –, contemplaremos especialmente os advérbios modificadores, pois são eles responsáveis precípuos pela iniciativa do trabalho em si. Categorizemos, então, conforme Neves [2000], os advérbios:

- De modo – por meio do verbo ou adjetivo, qualificam uma ação, processo ou estado;
- De intensidade – potencializam um adjetivo, verbo ou advérbio;
- Modalizadores – modalizam aquilo que está sendo expresso pelo enunciador. Segundo Neves [2000], “constituem uma das estratégias para marcar essa atitude do falante em relação ao que ele próprio diz”. Os advérbios modalizadores, para Castilho [1993, p. 222] podem ainda ser subcategorizados da seguinte forma:
 - Epistêmicos – utilizados para expressar avaliação de verdade e expectativa por parte do falante, se subdividem em três outras categorias:

- asseverativo afirmativo – Indica certeza por parte do falante, ou seja, ele acredita em sua proposição como verdade, sem a menor dúvida [certamente, com certeza, realmente etc.];
 - asseverativo negativo – Indica que o falante acredita na proposição como verdadeira, e a apresenta como negação [de forma alguma, de jeito nenhum etc.];
 - delimitador– Esse último delimita o espaço que deve ser considerado dentro de uma proposição [biologicamente, historicamente, filosoficamente etc.]
- Deônticos –usados para apresentar o conteúdo da proposição como obrigação ou dever [impreterivelmente, obrigatoriamente etc.];
 - Afetivos - São subdivididos da seguinte forma:
 - subjetivos – quando expressam dupla predicação, a do falante em face da proposição e a da própria proposição [felizmente, curiosamente etc.];
 - intersubjetivos–quando expressam uma predicação simples, da qual o falante se apropria em face do seu interlocutor.

1.2 Linguagem e negociação de sentidos

Na perspectiva de Koch [2000], a concepção de texto, com base na teoria da Linguística Textual, é um lugar de interação. A autora pondera que os textos orais ou escritos são lugares de negociação de sentidos, e não se referem apenas à decodificação de elementos linguísticos: referem-se, especialmente, às representações dos sujeitos no contexto em que se inserem e ao caminho traçado para o alcance de suas intenções comunicativas. Segundo a autora,

para atingir o seu objetivo fundamental, cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para que este: a] seja capaz de *reconhecer* a intenção, isto é, compreender qual é o objetivo visado, o que depende da *formulação* adequada do enunciado; b] *aceite* realizar o objetivo pretendido, ou seja, concorde em demonstrar a reação e/ou o comportamento visado pelo locutor. Por isso, este deve realizar atividades *linguístico-cognitivas* tanto para garantir a compreensão [tais como repetir, parafrasear, completar, corrigir, resumir, exemplificar, enfatizar, etc.], como para estimular, facilitar ou causar a aceitação [fundamentar, justificar, ‘preparar o terreno’, etc.].

Nesses termos, o texto é tudo aquilo que dialoga, traz sentido em si e permite a realização de operações não só linguísticas, mas sociais e interacionais. Um texto pode, então, ser uma palavra, frase ou período, bem como pode ser uma composição de 1000 páginas. Uma placa com a mensagem “PARE”, por exemplo, é um texto, considerando-se o contexto em que é veiculada. Se estiver no cruzamento de grandes avenidas, aciona no leitor uma gama de conhecimentos prévio e de mundo, e seu modo verbal sinaliza a obrigatoriedade da ação, pois pauta-se na lei.

Dessa forma, depreende-se que a relação entre leitura e compreensão textual está virtualmente atrelada à vivência e as práticas cotidianas dos indivíduos, bem como com a forma que enxergam o mundo diante de si.

Partindo desse olhar, locutor e interlocutor criam expectativas, respectivamente, na produção e na leitura do texto. Assim, o locutor, para atingir a sua intenção [KOCH e ELIAS, 2016] em favor de um assentimento por parte do interlocutor:

- a) projeta a imagem do locutor [seus valores, crenças etc.] com base no contexto em que estão inseridos;
- b) faz as escolhas linguísticas que considera pertinentes para o alcance da intenção [e considerando a];
- c) estabelece a comunicação por meio de **a** e **b** objetivando a consecução de sua intenção inicial.

O interlocutor, por sua vez, não apenas decodifica um texto escrito; mais do que isso, ele o interpreta, com base em sua história de vida, suas crenças, seus valores. De modo geral, o leitor proficiente estabelece um objetivo para sua leitura e lê o texto procurando pistas para o alcance desse objetivo, bem como para concordar ou não com a intenção do locutor.

Nesse viés, a linguagem assume um caráter utilitário [KOCH, 2002]: por meio de textos, atuamos sobre o comportamento do outro, levando-o a agir [reagir] diante do que dizemos. Evidentemente, os textos produzidos no *site* Sensacionalista corroboram esse raciocínio: trata-se de textos voltados para gerar humor e, para tanto, seus autores valem-se de estratégias diversas para fazer com que os leitores do *site* consigam ver o humor, entre elas, a ironia, a ser tratada posteriormente na próxima seção.

Capítulo 2 – O dito e o não-dito textual

2.1 – Pressuposto e subentendido

Quando falamos de pressuposto e subentendido, estamos lidando com questões dos implícitos textuais. Estes implícitos são informações veiculadas por meio de algum elemento interior nos textos que produzimos ou lemos. Eles são dois tipos de efeitos de sentido observados por leitores/interlocutores proficientes, aqueles que não leem apenas a superfície de um texto, mas também as suas entrelinhas. São o que se pode chamar de os não-ditos do discurso.

Ducrot [1987] delimita a distância semântica entre pressuposto e subentendido ao colocar que, enquanto o primeiro precisa da sintaxe textual para se fazer notar dentro de um contexto, o segundo está subordinado principalmente à interpretação do interlocutor e, dessa forma, cabe a ele a responsabilidade de fazer-se compreender o subentendido. Um critério que garante a distinção entre os dois é a forma como os pressupostos operam quando são transpostos para uma sentença negativa ou interrogativa. Ainda que o enunciado seja transformado em uma negação ou interrogação, o seu pressuposto será afirmado, como pode ser visto abaixo:

- 1) será que continua chovendo?
- 2) é mentira que continua chovendo.

Em qualquer uma das possibilidades acima se pressupõe que estava chovendo antes da enunciação.

Os subentendidos, por sua vez, não dependem da sintaxe textual para serem formulados. Ao contrário dos pressupostos, escondem-se nas entrelinhas e devem ser deduzidos pelo interlocutor. O enunciado, em seu sentido literal, suscita inferências por parte do interlocutor, as quais podem ou não ser autorizadas pelo dito. Assim, o autor protege-se, em certa medida, por trás do sentido literal de suas palavras, cabendo ao interlocutor a responsabilidade por sua interpretação.

A este propósito, o autor postula que, mesmo sendo de responsabilidade do interlocutor a interpretação de tais enunciados, o locutor não pode rejeitar as implicações que dela são recorrentes, já que os subentendidos, embora de caráter pessoal, são extraídos do que foi posto. Ou seja, o locutor, mesmo que não seja responsável em primeira instância pela forma como o seu interlocutor subentendeu um enunciado, favorece aquele tipo de entendimento por meio dos elementos lingüísticos escolhidos.

Com base em tais considerações, afirmamos com Ducrot que o pressuposto está no âmbito do linguístico, uma vez que se relaciona de modo estreito às construções sintáticas gerais, enquanto as relações entre subentendido e essas construções são bem mais sutis. Para o autor, “o subentendido só toma seu valor particular ao opor-se a um sentido literal do qual ele mesmo se exclui” [DUCROT, 1987, p. 21].

Nessa ótica, o sentido produzido por um subentendido só será construído por meio de um procedimento discursivo, ou seja, pela construção de um raciocínio que se embasa em inferências geradas por algo que é dito. Se a imagem temporal for um instrumento de facilitação da compreensão, podemos dizer que o posto pertence ao momento presente, que é simultâneo ao ato da comunicação; o subentendido está inserido no futuro, isto é, no momento posterior a esse ato [acrescido pela interpretação do ouvinte] e, por fim, o pressuposto estaria situado em um momento passado do conhecimento - mesmo que não tenha sido inserido no ato de comunicação anteriormente - e a quem o locutor se refere.

Neste trabalho, os conceitos de pressuposto e subentendido são essenciais para as análises dos textos produzidos no *site Sensacionalista*, já que são de natureza irônica e, conforme mencionamos, a ironia pressupõe-se e subentende-se a partir de elementos linguísticos.

2.2–Intertextualidade

Quando discursamos e recorremos a textos que já conhecemos, seja ele um livro, um filme, uma música, uma conversa com o vizinho, etc., estamos produzindo intertextualidade.

O conceito de intertextualidade foi instituído nos anos 60 pela escritora e crítica literária Julia Kristeva, que afirmava que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”. Tal conceito, conforme estudado e explicado pela Linguística de Texto, diz respeito ao diálogo que nós estabelecemos ao fazermos relações entre textos.

Segundo Koch [2016], os estudos de intertextualidade se dividem como em **a** e **b**:

- a) de forma geral, como um princípio inerente a todo o texto;
- b) de forma restrita, quando há resgate de textos já pré-existentes e que fazem parte da memória social do leitor.

Adentrando mais especificamente na forma e conceito, a autora segmenta os tipos de intertextualidade da seguinte forma:

- intertextualidade de forma e conteúdo: trazer para determinado contexto um gênero textual diferente a fim de criar um efeito de sentido especial;
- intertextualidade explícita: discursos diretos, citações, fontes etc.;
- intertextualidade com textos próprios, alheios ou genéricos: aqui o autor pode estabelecer uma relação com um texto de sua própria autoria, com textos de domínio público ou com aqueles textos sem autores específicos.

Dessa forma, podemos depreender que a autora postula a intertextualidade como um fenômeno indissociável do discurso, uma vez que ele é fator constitutivo de todos os textos que produzimos, ou seja, há mais de uma voz nas nossas produções discursivas. Logo, ela é lida aqui dentro de uma perspectiva de texto como suporte amplificado.

Podemos, também, observá-la como um objeto a ser analisado dentro de uma perspectiva microtextual, quando há a remissão à memória afetiva e social dos leitores. No excerto que se segue, temos um claro exemplo de intertextualidade, que nos propicia um trabalho de inferência que só pode ser experimentado por quem conhece a fonte na qual foi inspirada:

Vocês que fazem parte dessa massa,
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber.
E ter que demonstrar sua coragem
A margem do que possa aparecer.
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer.

Eh, ôô, vida de gado
Povo marcado, ê
Povo feliz.

Povo marcado, ê

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/49361/>

O nome da música é “Admirável Gado Novo”, escrita por Zé Ramalho em referência ao livro *Admirável Mundo Novo* [de Aldous Huxley], publicado pela primeira vez em 1932. Na letra da canção, ao fazer um paralelo entre a realidade distópica retratada no livro com a realidade brasileira no período militar, Ramalho denuncia a alienação coletiva [‘vida de gado’], a exploração do homem [‘povo marcado, povo feliz’] e conceitos marxistas como o da mais-valia [‘e dar muito mais do que receber’].

O conceito de intertextualidade foi concebido na perspectiva da natureza dialógica e polifônica da linguagem. Conforme já mencionado neste trabalho, a linguagem é dialógica na

medida em que constitui o texto como lugar de negociação de sentidos entre interlocutores inseridos em determinado contexto. Em outras palavras, não existe um texto pronto: seu sentido é negociado na interação entre locutor e interlocutor.

Na mesma direção, Koch e Elias [2016] consideram, como vimos, o texto como lugar de interação e reforça que o sentido é construído na interação entre texto, autor e leitor, no caso de textos escritos. E sendo o texto um lugar de interação, os seus interlocutores valem-se de estratégias de estratégias para o alcance de suas intenções comunicativas. Uma delas é a ironia.

2.3 – Ironia

Costumamos chamar de irônicas certas expressões ou situações inesperadas que transcorrem em nossas cenas comunicativas quando nos relacionamos com outros indivíduos. À ironia, contudo, só pôde ser atribuída mais de uma face em tempos relativamente recentes, mais precisamente no fim do século XVIII e início do século XIX, quando a palavra entra para o uso literário geral.

Eironeia, do grego antigo, é a palavra matriz de onde ironia deriva. De acordo com Muecke [1982], ela já havia sido usada por Platão em sua obra “A República”, entretanto, como uma maneira lisonjeira de tapear pessoas. Naquele contexto, *eironeia* era uma forma retórica de dissimulação. Para Demóstenes e Teofrasto, porém, o ironista era alguém evasivo, que fugia de suas responsabilidades como cidadão e nunca dava uma resposta direta.

Posteriormente, o conceito foi se modificando, conforme MUECKE [1982: 34] explica:

Os novos significados são novos em inúmeros aspectos que podemos talvez escolher, mas o que acrescentam é uma transformação tão radical do conceito de ironia quanto o foi o Romantismo da visão de mundo dos séculos anteriores.

De tais significados modernos assumidos pela palavra “ironia” a partir de então, os que se estabeleceram surgiram da especulação filosófica e estética da Alemanha, que fez desse país um líder intelectual europeu durante anos. Friedrich Schlegel, crítico literário e filósofo alemão, foi um grande “ironólogo” da época.

Em uma relação de ativo e passivo, ou seja, de quem produz a ironia e de quem é a vítima dela, o primeiro estágio desse desenvolvimento do significado da ironia foi considerar a perspectiva de quem a recebe, a vítima. E como vítima, aqui, referimo-nos a quem é o alvo da observação irônica, tendo a presenciado ou não, e/ou quem deixou de observá-la.

MUECKE ainda complementa dizendo que, até onde antes se encarava a ironia como algo essencialmente deliberado e instrumental, ou seja, feito de forma pensada, com propósito, hoje é possível considerar a ironia como algo não-intencional, observável e representável na arte.

No romance “Emma”, de Jane Austen, quando a protagonista pergunta à Miss Fairfax “ele era bonito?”, a resposta ouvida é “acredito que ele fosse considerado um jovem muito fino”. Este último comentário se aproxima do conceito teofrastiano de *ieron*, dada a inclinação da personagem a uma não exposição do juízo verdadeiro que faz do pretendente, preferindo uma resposta evasiva.

O diálogo acima serve para ilustrar um exemplo de Ironia Verbal, no qual o que é dito não é exatamente o que se pensa. Além desta modalidade, MUECKE [1982: 29] apresenta outra forma de texto irônico, exemplificado com a Ironia Situacional:

Ulisses retorna a Ítaca e, sentando-se disfarçado de mendigo em seu próprio palácio, ouve um dos pretendentes expressar a ideia de que ele [Ulisses] nunca mais poderia regressar ao lar.

E mais tarde:

Ulisses tinha o arco nas mãos e curvava-o, testando-o desse e daquele modo, com medo de que, na longa ausência do dono, os vermes pudessem ter comido por dentro do chifre. Os pretendentes entreolharam-se e fizeram alguns comentários típicos: “Ah! Aí está o perito, com um olho crítico para os arcos! Sem dúvida ele os coleciona em casa ou deseja começar uma fábrica, a julgar pelo modo como o curva, como se realmente tivesse aprendido alguma coisa de útil em sua vida na estrada!”

Observamos pelos excertos acima que Homero, em seu famoso poema “Odisseia”, usou duas formas de ironia, a Verbal e a Situacional. No primeiro deles, fica claro que o efeito de sentido irônico se dá pelo contexto da situação, pois Ulisses ouve – disfarçado e em seu palácio – que nunca mais poderia retornar. No outro, o efeito irônico ocorre por meio das palavras, quando os pretendentes tecem elogios à habilidade de Ulisses ao lidar com o arco. Obviamente, fizeram-no de forma zombeteira.

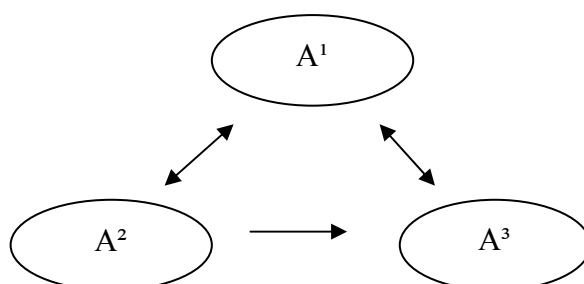
Para Brait [1996, *apud* Kerbrat-Orecchioni], a Ironia Verbal implica um trio actancial, que pode ser exposto da seguinte maneira:

- locutor = actante 1 [A¹];
- receptor = actante 2 [A²];
- terceiro = actante 3 [A³].

Nessa perspectiva, o locutor refere-se a quem fala; o receptor, para quem se fala; o terceiro, sobre quem ou sobre o que se fala. Assim, A¹ emite um discurso irônico à A², fazendo referência à A³, que é o alvo da ironia.

Brait revela, também, detalhando o funcionamento da Ironia Verbal, que em determinados contextos os três actantes podem coincidir parcial ou integralmente, de acordo com o discurso no qual aparecem. Isto é, em casos de solilóquio irônico, os actantes A¹ e A² podem coincidir. Se for uma auto-ironia, há a coincidência entre os actantes A¹ e A³. Em casos nos quais o receptor aparece como alvo da ironia, coincidem os actantes A² e A³. Agora, se o discurso irônico estiver contextualizado dentro de um monólogo auto-irônico, coincidem os actantes A¹/A²/A³.

Baseando-nos nessa divisão actancial e utilizando como exemplo a Ironia Verbal presente no trecho ilustrado na página 20, concluímos que os pretendentes a se casarem com Penélope são, simultaneamente A¹ e A², enquanto Ulisses é A² e A³. A esquematização abaixo pode situar melhor o leitor na compreensão desta divisão actancial específica:



Fonte: o autor

O locutor A¹ fala para A² sobre A³. Ulisses é tanto quem ouve quanto o alvo da ironia. Logo, é A² e A³ concomitantemente.

O trio actancial será melhor explicitado no próximo capítulo, que aborda a ironia nos textos do *site* Sensacionalista. Ainda com fundamento em Brait [1996], serão feitas as análises do material selecionado para a consecução desse fim.

Capítulo 3 – Análise dos textos e resultados obtidos

3.1 – Contexto da pesquisa

Em 2009, após ser demitido do programa *Casseta & Planeta*⁴, o roteirista Nelito Fernandes, decidido a continuar atuando com humor, concebeu o *site* Sensacionalista: um jornal isento de verdade, junto com os colegas jornalistas Marcelo Zorzanelli, Leonardo Lanna e Martha Mendonça, enquanto trabalhavam na redação da revista *Época*.

Inspirado pela revista satírica americana *The Onion*⁵, o Sensacionalista, uma das mais facilmente reconhecíveis páginas de humor no Brasil atualmente, rendeu alguns frutos aos seus idealizadores. Por conta do seu enorme êxito, foi difundindo-se em outras mídias, tais como um programa de televisão no *Multishow*, emissora de TV por assinatura, um canal no *Youtube* – site de compartilhamento de vídeos em formato digital -, e uma página do *Facebook* com quase três milhões de fãs pelo mundo lusófono – é possível encontrar nela comentários de fãs de Portugal e Angola.

Embora tenha se tornado um fenômeno midiático, a página parece ter fomentado alguns dissabores com algumas pessoas notórias do cenário artístico e político do Brasil. Segundo Fernandes, se a piada desagradar a alguma dessas pessoas, eles a tiram do ar.

De acordo com Vinícius Antunes, redator que se uniu ao trio posteriormente, “a intenção é de fazer um site de humor, não de notícias falsas ou de enganar as pessoas. Ele engana para fazer rir” e “existe uma pré-disposição em se acreditar em tudo o que está na internet.”

Por outro lado, alguns dos alvos das piadas conseguiram tornar isso ao seu favor. Empresas que já foram satirizadas em textos do grupo, por exemplo, resolveram utilizar o veículo como ferramenta de publicidade. Quando publicaram a notícia fictícia “Adolescente se surpreende ao saber que, com Oi Livre, telefone também passa a ser usado para falar”, por exemplo, eles mencionaram o nome da empresa de telefonia que pagou pela propaganda.

Independentemente de qualquer que seja a resposta do público, e com base em dados de março de 2016, o *site* tinha em média 10 milhões de acessos mensais em um total de 15 mil publicações, o que o tornaria, se fosse um jornal oficial, o 4º maior do país. “E o único que não está falindo”, brinca Fernandes.

⁴ Grupo humorístico brasileiro resultado da fusão de outros dois, *Casseta Popular* e *O Planeta Diário*, que fez sucesso na TV entre os anos de 1992 e 2010. [in: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casseta_%26_Planeta. Data de acesso: 05/03/2017].

⁵ Jornal satírico estadunidense, fundado em 1988 e que parodia eventos jornalísticos verdadeiros. [in: <http://www.theonion.com/>. Data de acesso: 05/03/2017].

3.2 – Procedimentos metodológicos

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, temos como objetivo verificar como se configura a ironia na composição das manchetes de notícias fictícias relacionadas à política, veiculadas no *site* Sensacionalista, no período de janeiro de 2016 a março de 2017. Em outras palavras, pretendemos observar por quais aspectos linguísticos dessa composição é facilitada a construção de sentidos variados, tudo isso com base na verificação dos possíveis pressupostos e subentendidos que podem emergir da ironia.

Para o alcance desse objetivo, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos:

- Levantamento de obras que tratassem de interação pela linguagem verbal, para melhor nos apropriarmos da relação existente entre escolhas linguísticas e efeitos de sentido;
- Levantamento de obras que abordassem a construção de sentidos pelo posto e pelo pressuposto, isto é, pelo dito e pelo não-dito;
- Delimitação do *corpus* de pesquisa. Escolhemos como objeto de estudo os textos veiculados no *site Sensacionalista*, por haver neles dispositivos propiciadores de compreensões múltiplas. Neste trabalho, selecionamos cinco notícias, veiculadas no período de janeiro de 2016 a março de 2017. As notícias foram selecionadas com base em seu conteúdo: as manchetes deveriam veicular claramente um conteúdo de natureza política;
- Seleção das categorias de análise, a serem explicitadas na próxima seção;
- Análise e interpretação dos dados, para construção de resultados que convergissem para o alcance do objetivo proposto.

3.3 – Categorias de análise

As categorias utilizadas para a análise neste trabalho pautam-se especificamente nos seguintes critérios que permearam a confecção da pesquisa:

- observação da presença ou ausência do sujeito do discurso no enunciado;
- configuração do trio actancial e como ele se comporta nas relações discursivas;
- explicitação dos pressupostos e as possibilidades de subentendidos;
- marcas de intertextualidade reconhecíveis.

3.4 – Análise

As análises dos elementos linguísticos utilizados pelo *site Sensacionalista*, conforme exposto anteriormente, contemplarão apenas as manchetes das matérias, devido a uma delimitação de espaço previamente estabelecida [as matérias completas estarão disponíveis para consulta no campo *Anexos*, no final deste trabalho]. Tais análises observarão exclusivamente o efeito cômico que esses elementos propiciam, não sendo, portanto, imprescindível a verificação de outros vieses que a partir delas possam surgir.

Texto 1

TSE exige tarja preta em citações a Aécio e gastos com tinta de impressora sobem 500%

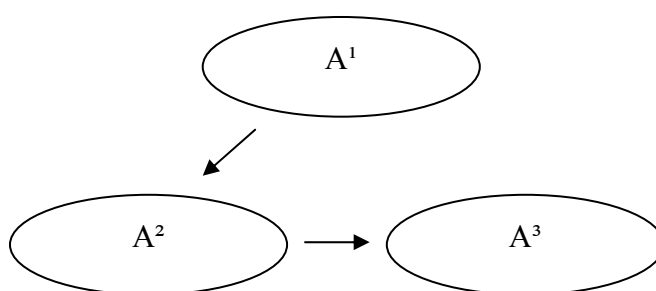


Contexto: na última semana publicações jornalísticas independentes noticiaram que o ex-presidente da Odebrecht Infraestrutura, Benedicto Junior, citou o nome do senador e candidato à presidência em 2014, Aécio Neves, bem como o do Partido da Social Democracia Brasileira [PSDB], no seu depoimento ao Tribunal Superior Eleitoral [TSE], como favorecido por doações via caixa 2 em sua campanha. O ministro do TSE, Herman Benjamin, determinou o escurecimento do nome de Neves com “tarja” em todas as citações ao político. Segundo Benjamin, a ação tem como objeto a chapa eleita em 2014, Dilma e Temer e, por esse motivo, serão desconsideradas quaisquer citações ao candidato do PSDB. Benedicto Junior, além de mencionar os nomes impúblicáveis de componentes do partido dos tucanos, delatou que foi doado por empresários o valor de 6 milhões de reais para a campanha, sendo metade

distribuída em apoio a dois candidatos do PSDB-MG e a outra metade repassada para a empresa de marketing da campanha presidencial de Aécio.

Manchete: TSE exige tarja preta em citações a Aécio e gastos com tinta de impressora sobem 500%.

Efeito irônico na manchete do Sensacionalista: No que se refere à configuração do **trio actancial** relativo à construção da Ironia Verbal [Brait, 1996], o autor da matéria atua como actante 1 [A¹], o leitor, por sua vez, como actante 2 [A²] e, por fim, o senador Aécio Neves faz o papel de actante 3 [A³], conforme ilustrado no gráfico abaixo:



Fonte: o autor

Além disso, temos uma remissão a um fato precedente, que é o aparecimento do nome do político em várias outras listas de denúncias anteriores. Podemos somar a informação, ainda, o famigerado protecionismo da grande mídia em relação ao mineiro e aos seus aliados.

A propósito do **dito e não-dito textual** da manchete, o trecho “exige tarja preta em citações a Aécio” traz como **pressuposto** que “Aécio foi citado. E mais de uma vez!”. E lendo apenas a manchete, sem recorrermos ao texto a que se refere, ou sem procurar os demais jornais que publicaram sobre o mesmo assunto, podemos ter uma variedade de **subentendidos** subordinada à leitura e percepção dos leitores que fariam contato com elas. Entre eles, o de que o vazamento de qualquer informação comprometedor contra o Aécio pode alterar os rumos da investigação, por exemplo.

Texto 2

Moro compra tríplex e põe no nome de Lula para poder continuar processo contra o petista

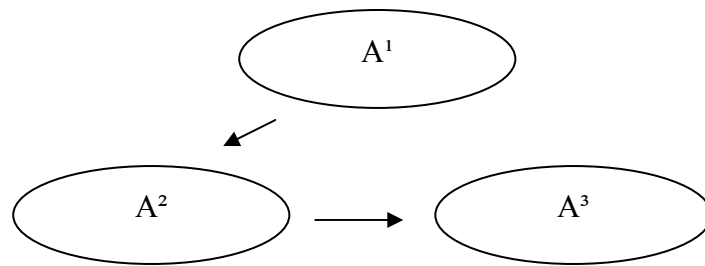


Contexto: Sérgio Moro é um juiz paranaense que se tornou conhecido nos últimos anos devido ao seu protagonismo na operação Lava-Jato e a sua obstinação em encontrar uma brecha relacionada ao ex-presidente da República Luis Inácio Lula da Silva para mandar prendê-lo, tornado-o assim inelegível para 2018. A manchete em questão faz alusão ao caso do apartamento no Guarujá, sob investigação da fase Triplo X, da Operação Lava Jato. O apartamento era atribuído por grande parte da mídia brasileira à família do ex-presidente. Todavia, o imóvel pertencia à Mossack Fonseca, empresa do Panamá dedicada à abertura de offshores⁶, e que usou o apartamento para fazer lavagem de dinheiro.

Manchete: Moro compra tríplex e põe no nome de Lula para poder continuar processo contra petista

Efeito irônico na manchete do Sensacionalista: o **actante 1** [A¹] continua sendo o *site* Sensacionalista, o **actante 2** [A²] são os leitores e, finalmente, o **actante 3** [A³] é o juiz Sérgio Moro, pois ele é a vítima da ironia aqui.

⁶ São basicamente empresas e contas bancárias abertas em paraísos fiscais, distantes de sua sede operacional, e que estão sob um regime legal diferenciado, no intuito de se pagar menos impostos e praticar crimes fiscais.



Fonte: o autor

Percebe-se que o nome de Lula é citado na manchete, entretanto, é apenas um objeto utilizado para trazer comicidade ao tema. Tal efeito cômico alia-se à corrupção imputada pela nota ao juiz – de quem se espera lisura de caráter [no Brasil atribui-se uma aura de divindade à constituição do Poder Judiciário] – ao fazer com que ele, por uma necessidade extremada de encontrar um pretexto para continuar com o processo contra o petista, sucumba à desonestidade de comprar um tríplice na intenção de conseguir o êxito. Em “para poder continuar processo contra petista” **pressupomos** que “já há um processo [de A³] em andamento” ou “o processo [de A³] pode estar ameaçado caso Lula não tenha um tríplice.”. Como **subentendido** temos que “é da vontade de Moro continuar com o processo contra Lula.”

Texto 3

Após primeiro pastel e café com leite na rua, João Doria Jr. desiste de candidatura



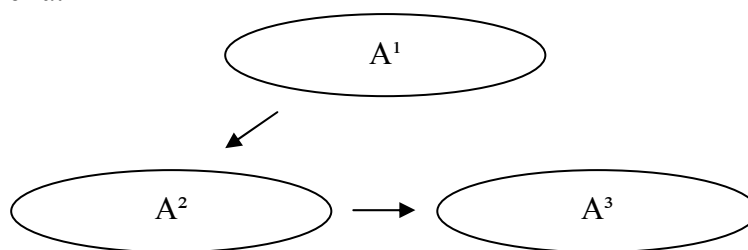
Contexto: Pouco antes da sua vitória nas eleições para a prefeitura da cidade de São Paulo, em 2016, o candidato e empresário João Doria Jr. foi fotografado fazendo refeições em algumas regiões populares da cidade, e acabou sendo clicado ao expressar facialmente certo

desconforto enquanto comia. Em entrevista posterior ao ocorrido, contudo, o então aspirante à prefeito afirmou que “eu adoro coxinha e aprendi a comer pastel.”. Doria, que é também apresentador de TV, tem um espólio estimado, de acordo com o *site* UOL, em mais de 170 milhões de reais. Esse patrimônio supera em dez vezes a soma dos rivais, ainda de acordo com o *site*. Posto isso, não é de se espantar que a foto tenha se tornado um prato cheio para os detratores do empresário-político e se tornado alvo de piadas na semana subsequente à sua publicação.

Manchete: Após primeiro pastel e café com leite na rua, João Doria Jr. desiste de candidatura

Efeito irônico na manchete do Sensacionalista: novamente temos os **actantes 1 e 2** [A^1 e A^2] como, respectivamente, o Sensacionalista e o leitor; e o **actante 3** [A^3] dessa vez é o prefeito Doria. Esta manchete traz uma especificidade. Ela é multimodal⁷, o que promove de forma ainda mais escancarada o teor humor que carrega nela. As imagens sugerem a ideia de que alguém está em um lugar contra a própria vontade porque, inevitavelmente, precisa estar ali para garantir o voto dos eleitores locais e não conseguiu disfarçar uma expressão espontânea, mas de mau gosto.

A configuração do **trio actancial** nessa manchete pode ser demonstrado da seguinte maneira:



Fonte: o autor

Se o leitor não buscou ler a matéria completa ou consultou outras fontes sobre a mesma notícia, os **pressupostos** para “após primeiro pastel e café com leite na rua” e “desiste da candidatura” seriam, “[A^3] nunca tinha comido pastel e tomado café com leite na rua antes” e “[A^3] está se candidatando”. Porém informamos anteriormente que o prefeito revelou que aprendeu a gostar de pastel. Portanto, parte da manchete, se lida hoje, poderia ser inválida – se o actante 3, agora no papel de A^1 , estivesse falando a verdade. O **subentendido** é

⁷ Na Semiótica, é o caráter dos signos que possuem mais de uma forma de expressão/comunicação, podendo consistir em um amálgama de imagens, palavras gráficas, sons etc.

que o envolvido, pelo menos no tempo e espaço em que a ação ocorreu, não gostava de café com leite, ou pastel. Ou ambos.

Texto 4

Nem precisou de cotas para aprender a usar



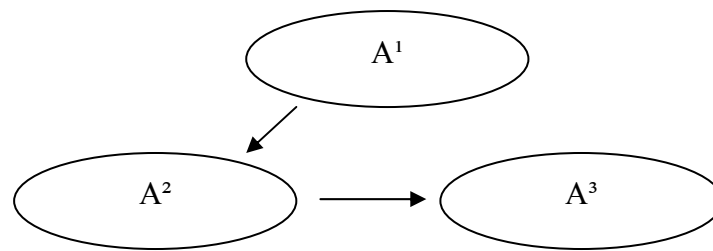
Fernando Holiday diz que usou caixa dois em sua campanha só para entender melhor e poder combater

Contexto: Fernando Holiday [20] é um vereador pelo partido DEM [Democratas], que começou a sua carreira política ao fazer parte do Movimento Brasil Livre [MBL], formado por jovens neoliberais da região metropolitana de São Paulo. Holiday, junto ao MBL, foi um dos porta-vozes, na maior capital do país, a favor do impeachment da então presidenta Dilma Roussef. De origem humilde, negro e gay, tem-se mostrado também um ferrenho oponente das políticas sociais e de assistência à comunidade negra e LGBT. Um dos projetos do vereador é a revogação dia 20 de novembro como o dia da consciência negra, e ele tem como pretensão acabar com as cotas raciais nas universidades. Após a consagração do impeachment, o Movimento Brasil Livre, que vendia um imagem de apartidário e anticorrupção, alçou alguns de seus componentes [oito de quarenta e cinco] a cargos públicos por partidos políticos, tais como DEM, PMDB e PP [primeiro, segundo e quarto partidos com o maior número de parlamentares cassados por corrupção, de acordo com o site do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral e dados colhidos entre 2000 e 2007].

Manchete: Fernando Holiday diz que usou caixa dois em sua campanha só para entender melhor e poder combater

Efeito irônico na manchete do Sensacionalista: nessa manchete, como nas outras, a comunicação acontece por uma via de mão única, ou seja, os **actantes 1 e 2** [A¹ e

A²] permanecem sendo, mais uma vez, a página de humor e os leitores, respectivamente. A³ é a vítima da ironia. Nesse caso, Fernando Holiday:

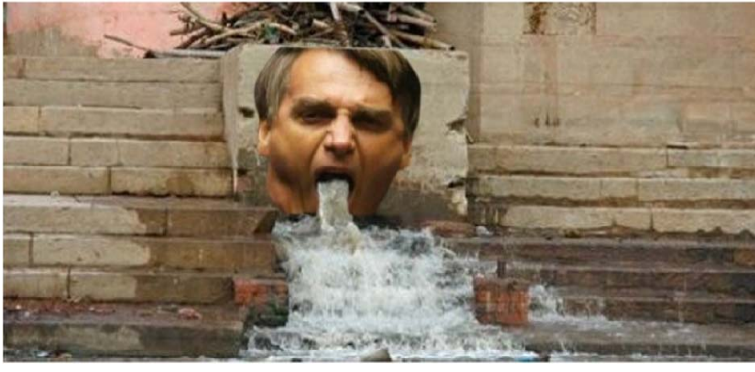


Fonte: o autor

Além da Ironia Verbal, explicitada por meio dos textos posicionados na parte superior e inferior da foto, podemos apontar a Ironia Situacional envolvida na matéria e em todo o contexto: um político gay, negro e pertencente a um movimento contra a corrupção que milita contra os movimentos gay, negro e está sendo investigado por prática de caixa 2. Acrescente-se a isso o fato de Holiday ter dito à imprensa que está sendo vítima de perseguição por ser gay e negro [um tipo de “vitimismo” que ele condena nas militâncias de esquerda] e a coisa fica ainda mais engraçada. Na publicação original da página do Sensacionalista do *Facebook*, houve questionamentos sobre uma possível natureza [inadvertidamente] racista da publicação, ocasionada pelo texto superior, “nem precisou de cotas para aprender a usar.”. Entretanto, a personagem política em questão é avessa a todo tipo de cotas, não somente as raciais, e não há nem na manchete nem no interior da matéria completa qualquer menção à raça do vereador. Logo, as cotas às quais os jornalistas se referem são a porção dele no caixa 2, prática comum entre os políticos do Brasil. As **pressuposições** que podem ser apreendidas da manchete são: “[A³] não entendia claramente com funcionava o caixa 2” e “[A³]costuma combater aquilo do que não gosta.” Um dos **subentendidos** que podem ser extraídos da manchete é o de que, por ser uma prática corriqueira no meio político, o vereador aproveitou algum tipo de circunstância para praticar também.

Texto 5

Próxima entrevista de Bolsonaro na Folha sairá em papel plastificado para evitar estrago de vômito de leitores

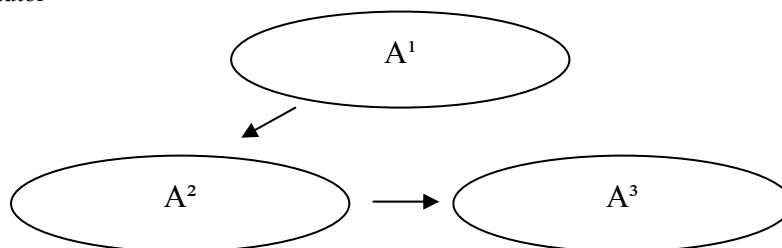


Contexto: O jornal Folha de São Paulo entrevistou o deputado Jair Bolsonaro, do Partido Social Cristão do Rio de Janeiro (PSC-RJ), em duas ocasiões distintas, a primeira delas em seu gabinete, na Câmara, e a segunda por telefone. Para evitar “deturpações”, o político pediu que a sua equipe gravasse a entrevista que ocorreu *in loco*, pois, segundo ele, as coisas que ele fala são mal interpretadas. Mais uma vez, e como era de se esperar, o ex-militar mostrou que não mede esforços para ofender o máximo possível de pessoas, emitindo opiniões de difícil digestão para quem atua ou pensa do lado progressista da política e das relações coletivas.

Manchete: Próxima entrevista de Bolsonaro na Folha sairá em papel plastificado para evitar estrago de vômito de leitores

Efeito irônico na manchete do Sensacionalista: como nas outras quatro manchetes anteriores, o **trio actancial** A¹, A² e A³ é composto, nesta ordem, por *Sensacionalista*, leitores e Bolsonaro, como demonstrado:

Fonte: o autor



Fonte: o autor

Mais uma vez, temos a representação de um texto multimodal, pois o autor – veiculando um discurso pelo *site* – utiliza-se de recursos verbais e não-verbais na composição da chamada de capa da notícia. O texto é representado pela imagem do rosto do político com a boca aberta em uma parede da qual é escoado o esgoto, que sai da sua boca. Nesse viés, a construção imagética cria um efeito de sentido que leva o leitor a concluir que as coisas que Bolsonaro diz, assim com o esgoto, não são aproveitáveis. O deputado é conhecido e tem crescido em popularidade nas mídias sociais devido a algumas de suas famigeradas opiniões politicamente incorretas, tais como agressão corretiva em filhos homossexuais, violência como forma de educação, proibição de uso de arma de fogo por fiscais ambientais na área de preservação em que ele pesca etc. “Próxima entrevista de Bolsonaro na Folha sairá em papel plastificado para evitar estragos de vômitos de leitores” **pressupõe** que houve uma entrevista na Folha, que a folha usa papel e que leitores vomitarão caso leiam uma nova entrevista dele. O que pode **subentender**-se a partir daí é que, talvez, os vômitos sejam motivados pelas opiniões supracitadas. E porque elas são recorrentes na entrevista atual.

3.5 – Resultados

Em nossa análise verificamos que em nenhuma das cinco manchetes houve marcação explícita do sujeito da mensagem. Esse tipo de não-marcação subjetiva, conforme vimos na passagem sobre embreagem actancial, funciona como um distanciamento do sujeito emissor da mensagem do seu conteúdo. Isto é, aquele que enuncia não quer ser reconhecido no seu discurso, a fim de dar credibilidade a este, ou por outro motivo que lhe é pertinente, como fazer parte de um todo. Dessa forma, a contribuição da não marcação do sujeito no enunciado contribui para a construção da ironia pelo sujeito ter-se inserido, nas entrelinhas, dentro de uma opinião coletiva. Foi verificado, também, que nesses casos específicos – os das manchetes selecionadas – o trio actancial operou de um jeito bastante similar em todas elas, sendo representado pelos mesmos locutores e receptores, alterando apenas o terceiro. Sabemos, conforme discorreremos anteriormente, que o sentido do texto é de construção coletiva, produzido por mais de um elemento do discurso. Contudo, por uma limitação do suporte em que essas notas são publicadas, não é possível que algum dos componentes do trio actancial coincida, uma vez que, para que isso ocorra, é necessário que pelo menos um dos envolvidos – locutor, receptor ou terceiro – esteja ubiquamente presente em seus locais de

atuação. Importante analisar o funcionamento desses actantes dentro da cena enunciativa, pois a construção da ironia também está ligada ao papel que cada um deles exerce dentro da cena.

Quanto aos pressupostos e subentendidos no enunciado, estes são ancorados nos aspectos linguísticos do texto e nas reflexões principiadas por um resgate de memória por parte daqueles que o estão lendo. É por intermédio deste resgate que é construído o sentido irônico de humor no *site Sensacionalista*. Em todas as manchetes publicadas aqui, o tempo inteiro o leitor precisa relacionar aquilo que está lendo com um conhecimento anterior para atingir o sentido de humor que os idealizadores do grupo *Sensacionalista* tencionam. Como todas as matérias publicadas por eles são derivadas de outra “verdadeira”, o leitor só conseguirá apreender a ironia se já tiver lido a original ou, pelo menos, conhecido o histórico das personagens retratadas. A partir daí, os noticiários – com auxílio de recursos linguísticos e imagéticos – transparecem o humor de uma forma efetiva.

Notamos também que a intertextualidade aqui se dá de forma interdiscursiva entre as manchetes apresentadas pelo *Sensacionalista* e os textos “fonte” de onde elas foram inspiradas. Conforme observamos no capítulo sobre intertextualidade, esta ocorre em cada texto que produzimos, pois nenhum deles é inédito. Todavia, em casos como este, podemos classificá-las como *intertextualidade com textos alheios*, especialmente no quinto texto analisado, em que eles claramente citam o texto “fonte”, que seria a Folha de São Paulo.

Conclusão

Este trabalho teve por finalidade a observação dos elementos usados pelos idealizadores do *site Sensacionalista* e que podem permitir o efeito de humor por meio da ironia. O *Sensacionalista* brinca com as notícias do cotidiano político e midiático em geral transformando os fatos em humor, ou seja, fazendo piada com as peripécias das personagens que nos representam no congresso nacional. Com base nisso, procuramos identificar tais elementos e o modo como configuram a ambiguidade dessa ironia a fim de provocar o efeito de humor, estabelecendo os pressupostos e subentendidos permitidos nessa leitura, e levando em consideração precedentes como a intertextualidade e o conhecimento prévio.

Conforme exposto anteriormente, para a consecução desse trabalho, foram consultados textos que tratam de teoria da comunicação, linguagem e interação. Este material foi de grande valia tanto para a ampliação de horizontes quanto ao entendimento do funcionamento das relações interpessoais e como elas constituem as cenas de enunciação, quanto para a qualidade da escrita da pesquisa como um todo. Obviamente, em razão da necessidade de delimitarmos o estudo, algumas lacunas ficaram abertas e questões não foram respondidas, uma vez que o assunto não se esgota, nem tivemos a pretensão de encerrá-lo. Entretanto, e justamente por remanescerem perguntas, as lacunas podem ser pauta para algo maior futuramente, já que existe uma sorte de vieses que podem ser seguidos a partir daqui.

A continuidade do estudo de temas como a ironia e os efeitos de sentido permitidos por elementos linguísticos com a finalidade de se produzir uma pesquisa mais ampla demanda um tempo maior de leitura e um mergulho mais aprofundado nos tópicos que decidimos abordar aqui. Entretanto, o presente trabalho pode ser usado como ponto de partida para esta pesquisa e outras com temas similares ou razões aproximadas, já que pode suscitar o nascimento de ideais variadas acerca de investigações sobre o uso das demais figuras de linguagem em notas de jornal, assim como a configuração do humor favorecido por elas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora Ltda., 2010.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes Editores, 2005.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUECKE, Douglas Colin. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Entrevista com Vinícius Antunes. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6zrB5led_Bs> Acesso em: 15 set. 2016.

SENSACIONALISTA. Adolescente se surpreende ao saber que, com Oi Livre, telefone também passa a ser usado para fala. Disponível em:

<<http://www.Sensacionalista.com.br/2015/12/22/adolescente-se-surpreende-ao-saber-que-com-oi-livre-telefone-tambem-passa-a-ser-usado-para-falar/>> Acesso em: 15 set. 2016.

SWAMINATHAN, Nikhil. Diálogo em mutação: novas línguas brotam rapidamente de línguas antigas. Scientific American Brasil/UOL. Disponível em: <

http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/dialogo_em_mutacao_novas_linguas_brotam_rapidamente_de_linguas_antigas.html> Acesso em: 20 set. 2016.

PEREIRA, R. TSE exige tarja preta em citações a Aécio e gastos com tinta de impressora sobem 500%. Sensacionalista. Disponível em:

<<http://www.Sensacionalista.com.br/2017/03/14/tse-exige-tarja-preta-em-citacoes-a-aecio-e-gastos-com-tinta-de-impressora-sobem-500/>> Acesso em: 18 mar. 2017.

MACHADO, Bruno. Moro compra triplex e põe no nome de Lula para poder continuar processo contra o petista. Sensacionalista. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/08/20/moro-compra-triplex-e-poe-no-nome-de-lula-para-poder-continuar-processo-contra-o-petista/>> Acesso em: 03 nov. 2016.

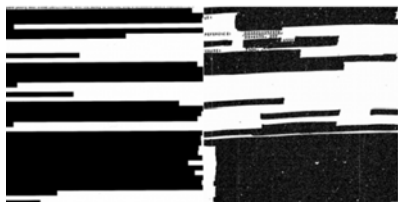
SENSACIONALISTA. Após primeiro pastel e café com leite na rua, João Doria Jr. desiste de candidatura. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/08/19/apos-primeiro-pastel-e-cafe-com-leite-na-rua-joao-doria-jr-desiste-de-candidatura/>> Acesso em: 20 ago. 2016.

SENSACIONALISTA. Fernando Holiday diz que usou caixa dois em sua campanha só para entender melhor e poder combater. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2017/03/13/fernando-holiday-diz-que-usou-caixa-dois-em-sua-campanha-so-para-entender-melhor-e-poder-combater/>> Acesso em: 15 mar. 2017.

ZORZANELLI, M. Próxima entrevista de Bolsonaro na Folha sairá em papel plastificado para evitar estrago de vômito de leitores. Sensacionalista. Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2017/03/13/proxima-entrevista-de-bolsonaro-na-folha-saira-em-papel-plastificado-para-evitar-estrago-de-vomito-de-leitores/>> Acesso em: 15 mar. 2017.

Anexos

Anexo 1



Os depoimentos do ex-presidente da empreiteira Odebrecht, Marcelo Odebrecht, e do ex-executivo do Grupo Odebrecht, Benedicto Júnior, causaram um rombo gigantesco no orçamento do almoxarifado do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Isso porque o ministro Herman Benjamin, do TSE, determinou que quaisquer trechos dos depoimentos dos delatores citando o senador Aécio Neves, ex-candidato à presidência e presidente nacional do PSDB, teriam que ser “tarjados”. Ou seja, tudo sobre Aécio teria uma tarja preta em cima.

Fontes da equipe do almoxarifado do TSE reclamaram de falta de aviso prévio para providenciar mais tinta preta para as impressoras do órgão. “Só nas primeiras páginas impressas já começaram a nos chatear aqui pedindo mais cartuchos, mais cartuchos... Foi um inferno”, disse Edna Abdala, funcionária do setor. “A gente via as páginas impressas e mais parecia um código de barras! O rombo no orçamento foi de 500%.”

A reclamação dos funcionários deu resultado, e o TSE providenciou o patrocínio da Adidas para suprir os custos da decisão. O problema foi que o custo acabou revertido em gastos excessivos de papel, já que cada folha impressa só poderia ter três linhas do depoimento, as três linhas registradas da empresa de roupas e acessórios esportivos. Outra solução proposta foi colocar as faixas nos olhos de uma foto de Aécio Neves nas folhas impressas, como acontece com menores infratores.

A sugestão acabou rejeitada diante do enorme espaço em branco que restaria sem impressão, mais um desperdício. Benedicto Júnior afirma que repassou R\$ 9 milhões à campanha de 2014 para políticos do PSDB e do PP via caixa 2.

A decisão provocou uma corrida às Farmácias, que venderam tarja preta como nunca aos brasileiros.

R Pereira

Anexo 2



A Polícia Federal concluiu em inquérito que Lula não é proprietário do tríplex no Guarujá, imóvel que trouxe problemas judiciais para o ex-presidente. Responsável pelo processo contra Lula e ansioso para prender o ex-presidente, o juiz Sérgio Moro resolveu comprar o triplex e colocá-lo no nome de Lula para continuar o processo contra o petista.

“O Moro me ligou e ofereceu o dobro do valor de mercado do imóvel, dizendo que precisava comprá-lo urgente. Ele falou que fez uma vaquinha virtual para conseguir arrecadar o dinheiro e deixou escapar que até o ministro do Supremo Gilmar Mendes doou”, disse o corretor de imóveis, Augusto Braga da Silva.

Pessoas próximas do ex-presidente Lula dizem que, apesar de ter seu nome desvinculado ao imóvel no Guarujá, o petista continua dando o endereço do tríplex para parentes e outras visitas indesejadas.

Bruno Machado

Anexo 3



O candidato à prefeitura de São Paulo pelo PSDB, João Dória Jr., deve anunciar sua desistência da corrida eleitoral ainda na tarde de hoje.

Dória cumpriu compromissos de campanha ontem e, sob orientação de seu marqueteiro, entrou num bar para tomar café com leite e comer um pastel.

“Esta campanha já me leva a lugares que jamais imaginei frequentar. Está sendo uma experiência muito nova e exótica. Vou pedir ao Alckmin 500 mil reais de patrocínio para fazer uma revista sobre essa iguaria. Vai se chamar ‘Pingado Aficionado’. Não sabia que existia. “, disse ele antes de levar o copo à boca.

Dória teve então um acesso de tosse de mais de cinco minutos. Ficou vermelho e precisou fazer nebulização. Recuperado, experimentou um pastel. Desmaiou.

Segundo seu médico, ele deve retirar a candidatura por uma questão de saúde. “Se já foi assim com uma média e um pastel, imagina quando ele tiver que tomar cachaça ou, Deus me livre, apertar a mão de um pobre”, disse o doutor Rubens Matarazzo Goldberg. “Vou receitar a ele duas viagens a Mônaco com o Amaury Júnior para já”

Anexo 4



A campanha do vereador Fernando Holiday (DEM), um dos líderes do MBL, pagou cabos eleitorais na eleição do ano passado usando caixa dois. Os militantes foram pagos em dinheiro vivo e o valor não foi declarado como gasto de campanha.

Em sua defesa, Fernando Holiday disse que fez caixa dois apenas para entender melhor como funciona para poder combatê-lo. “Só queria saber como os esquerdistas fazem caixa dois. Não tive a intenção de ser corrupto”, afirmou.

O vereador e líder do MBL contratou dezenas de militantes hoje para que descubram escândalos de caixa dois maiores que o seu, cometidos por políticos de esquerda, para convencer seus eleitores a ficarem do seu lado. Os novos militantes contratados às pressas também foram pagos com caixa dois.

Segundo pessoas envolvidas na campanha, Holiday também usou caixa dois para comprar Toddyinho para seus militantes em um supermercado.

Anexo 5



A Folha de S. Paulo publicou hoje uma longa entrevista com o pré-candidato à Presidência e deputado Jair Bolsonaro. Em trechos da conversa, Bolsonaro diz que “não é a imprensa ou o STF que vai falar o limite para mim”, tratar “os elementos” com “a devida energia” (ele insinua que isso quer dizer bater em suspeitos), que é à favor de colocar calmantes na bebida de detentos sem eles saberem, que não se arrepende de ter feito apologia ao estupro da colega Maria do Rosário, que vai colocar militares em metade dos ministérios, que não vai ter “cota lésbica”, que o país está “numa merda”, que “não está maluco” e que se entrarem em sua casa, não sairão.

O departamento de atendimento ao consumidor do jornal recebeu diversas ligações na manhã de hoje de leitores indignados porque seus jornais foram estragados.

“Peguei o jornal para ler depois da minha mulher e no caderno de política estava lá todo o café da manhã que ela comeu”, disse o advogado Gilberto Souza. “Tudo bem vocês publicarem o que quiserem, mas precisam resolver isso aí.”

A quantidade de pessoas que declararam ter estragado seus tablets e celulares com vômito após ler a entrevista foi grande. Mas o jornal disse que não pode se responsabilizar pelos aparelhos.

Após a entrevista, outra coisa curiosa aconteceu. Milhares de brasileiros saíram às ruas em busca dos 11% de eleitores que declararam querer votar em Bolsonaro. “Queremos dar um abraço nessas pessoas, perguntar como elas estão, se estão sendo acompanhadas por um psiquiatra, o que a gente pode fazer por elas”, disse um voluntário. “A pessoa que apoia alguém assim não pode estar bem.”

M Zorzanelli